



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

Abril 2026

v. 6 n. 58

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520





INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

Abril 2026

v. 6 n. 58

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520



APRESENTAÇÃO

A International Integralize Scientific configura-se como um periódico científico mensal dedicado à difusão rigorosa e qualificada do conhecimento acadêmico. Com publicações predominantemente em língua portuguesa e contribuições consistentes em inglês e espanhol, a revista consolida-se como um espaço editorial multicultural, orientado ao diálogo científico internacional e ao fortalecimento da produção intelectual brasileira no cenário global.

Alinhada a elevados critérios de avaliação acadêmica, a revista privilegia a publicação de artigos inéditos de discentes e docentes provenientes de distintas áreas do saber, reconhecendo a ciência como campo plural e interdisciplinar. Cada manuscrito submetido passa por criteriosa análise técnico-científica em regime de avaliação por pares, assegurando integridade metodológica, consistência teórica e relevância social dos resultados apresentados. Dessa forma, a International Integralize Scientific reafirma seu compromisso institucional com a circulação responsável do conhecimento e com o fortalecimento da cultura de pesquisa.

Sua missão institucional consiste em promover a publicação e a disseminação de pesquisas inovadoras que contribuam efetivamente para o avanço científico e tecnológico, estimulando a reflexão crítica e o desenvolvimento de novas abordagens investigativas. A revista persegue a visão de consolidar-se como referência de credibilidade e excelência acadêmica no contexto internacional, valorizando a produção científica que se ancora em evidências sólidas, metodologias reconhecidas e padrões éticos elevados.

A governança editorial do periódico opera em plataforma Open Journal Systems (OJS), garantindo transparência processual, rastreabilidade, interoperabilidade com bases internacionais e aderência às melhores práticas em editoração científica. A revista possui registro ISSN nas versões impressa e digital e atribui Digital Object Identifier (DOI) a todas as publicações, mediante associação ativa à Crossref, assegurando autenticidade, persistência e ampla citabilidade internacional. Sua atuação editorial mantém alinhamento às boas práticas recomendadas por organizações científicas de referência e aos princípios éticos, técnicos e normativos que orientam a gestão de periódicos acadêmicos qualificados, incluindo diretrizes consolidadas no âmbito da normalização internacional.



Os valores que regem sua atuação editorial fundamentam-se no rigor científico, na ética acadêmica e na promoção de um ecossistema plural de saberes. A diversidade disciplinar, a integridade intelectual, a inovação, o impacto social da ciência e a construção de redes colaborativas entre pesquisadores de diferentes nacionalidades constituem pilares estruturantes do periódico. Ao incentivar a interlocução entre centros de pesquisa, universidades e comunidades científicas, a International Integralize Scientific contribui para o desenvolvimento de uma ciência aberta ao diálogo, orientada à melhoria contínua e sensível às demandas contemporâneas.

Sua periodicidade regular, o compromisso com padrões editoriais elevados e a interlocução permanente com autores e avaliadores qualificados reforçam a credibilidade da revista como veículo legítimo de disseminação científica. Trata-se, assim, de um espaço editorial que acolhe a investigação acadêmica com seriedade, estimulando trajetórias de produção intelectual consistente, ética e socialmente relevante.

Ao posicionar-se como ponte entre diferentes culturas, idiomas e tradições científicas, a International Integralize Scientific reafirma o papel estratégico dos periódicos acadêmicos no fortalecimento da ciência global e na promoção de um conhecimento capaz de transformar realidades, ampliar horizontes e projetar pesquisadores brasileiros e internacionais em um ambiente científico de excelência.



Expediente Editorial

A Revista International Integralize Scientific é um periódico científico mensal dedicado à promoção e disseminação de conhecimento acadêmico de alta qualidade, orientado por rigor metodológico e compromisso ético. Seu propósito central consiste em oferecer um espaço de visibilidade qualificada para pesquisas inéditas, contribuindo para o fortalecimento do debate científico e para o desenvolvimento contínuo das diversas áreas do saber. Ao assegurar processos criteriosos de avaliação e seleção editorial, o periódico reafirma sua vocação institucional de fomentar o pensamento crítico, incentivar o intercâmbio intelectual e apoiar a formação de novas gerações de pesquisadores.

Diretor Geral

Dr. Luan Trindade

Responsável pela direção estratégica do periódico, conduz a governança institucional da revista, assegurando o alinhamento entre política editorial, expansão científica e fortalecimento das relações acadêmicas nacionais e internacionais.

Diretora Administrativa

Profa. PhD Vanessa Sales

Docente e pesquisadora, com trajetória consolidada na área acadêmica, coordena os processos organizacionais e de gestão editorial, contribuindo diretamente para a qualidade científica, ética e institucional das publicações.

Editor de Design Gráfico e Diagramação

Balbino Júnior

Profissional responsável pela curadoria visual, normatização gráfica e composição editorial, assegurando harmonia estética, legibilidade acadêmica e conformidade técnica das edições.

Características do Periódico

Periodicidade:

Mensal

Idiomas de Publicação:

Português, Inglês e Espanhol

Plataforma Editorial:

Open Journal Systems (OJS)

Registro Internacional:

SSN 3085-654X

Identificação Digital:

DOI registrado e associado à Crossref

Contato Editorial

Para esclarecimentos, submissões, parcerias institucionais ou orientações relacionadas ao processo editorial, a equipe técnica encontra-se à disposição através do e-mail:

publicacao@iiscientific.com

Endereço Institucional

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
Rodovia SC-401, Bairro Saco Grande
CEP 88032-005

A International Integralize Scientific mantém atuação editorial orientada pelas boas práticas científicas internacionais, alinhada aos princípios de integridade acadêmica, transparência editorial e responsabilidade social do conhecimento. Seu corpo diretivo e técnico atua de maneira integrada para assegurar excelência, continuidade e relevância científica em cada edição publicada.



Corpo Editorial e Conselho de Revisores por Pares

A revista adota um rigoroso processo de avaliação científica por pares (peer review), conduzido preferencialmente no modelo doubleblind, garantindo anonimato entre autores e revisores durante o processo avaliativo, imparcialidade na emissão dos pareceres e excelência acadêmica na seleção dos manuscritos publicados.

A divulgação institucional do corpo editorial e dos revisores por pares não estabelece qualquer vinculação entre avaliadores e artigos específicos, preservando integralmente a confidencialidade e a integridade ética do processo de revisão.

Editora-Chefe

Profa. PhD Vanessa Sales

Equipe Editorial

Prof. PhD Hélio Sales Rios
Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva
Prof. Dr. Francisco Rogério Gomes da Silva
Prof. PhD Manoel Coracy Dias Saboia
Prof. Dr. Daniel LaiberBonadiman

Declaração de Transparência Editorial

O periódico mantém registro formal de todas as etapas do processo de avaliação científica, assegurando confidencialidade, ética, independência acadêmica e conformidade com o modelo doubleblindpeer review, no qual autores e revisores permanecem mutuamente anônimos durante o processo avaliativo.

Conselho de Revisores por Pares (Peer Review Board)

O Conselho de Revisores por Pares é composto por pesquisadores com sólida formação acadêmica e reconhecida atuação científica. Os pareceres técnicos emitidos avaliam critérios de relevância científica, originalidade, consistência metodológica, contribuição teórica e adequação ética, fortalecendo o rigor e a credibilidade do periódico.

Pareceristas

Ciências da Educação

Dr. Carlos Mendonça
Dr. Marcelo Pertussatti
Dr. Ederson Renan Pacheco de Farias

Ciência da Saúde

Dr. Daniel Laiber
Dra. Luisa Bonadiman

Ciências Jurídicas

Dr. Avelino Thiago
Dr. James Melo de Sousa
Dr. Manoel Coracy

Educação Inclusiva

Dra. Fábيا Roseana Souza Oliveira da Silva
Dra. Karla Roberta Melo de Vasconcellos

Tecnologia

Dr. Flávio Lopes
Dr. Geraldo Lúcio

Editor Gerente

Rayane Priscila Santos de Souza

Editores de Seção

Karolayne Luana de Oliveira Silva
Eloisa Bárbara Rodrigues Lima

Equipe de Produção Editorial

Reviane Francy Silva da Silveira
Priscila de Fátima Lima Schio
Lucas Teotônio Vieira

Editor Técnico

Balbino Júnior

Administrador do Sistema OJS

Vitor Santos

**MASCULINIDADES E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA**
MASCULINITIES AND TEACHER TRAINING: CHALLENGES AND
POSSIBILITIES FOR PEDAGOGICAL PRACTICE
MASCULINIDADES Y FORMACIÓN DOCENTE: RETOS Y
POSIBILIDADES PARA LA PRÁCTICA PEDAGÓGICA

RESUMO

A docência desempenha um importante papel social e político enquanto espaço de debate e construção de saberes em um campo marcado por desigualdades e discursos hegemônicos que caracterizam a trajetória da educação e determinam caminhos entre a teoria e prática. Esse artigo tem como objetivo analisar os desafios das masculinidades na docência dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil em contexto educacional histórico e social de feminização do magistério e suas implicações para as relações de gênero. A abordagem metodológica é qualitativa tendo como instrumento para coleta de dados a realização de revisão bibliográfica e documental. A partir da revisão dos textos é possível inferir informações pertinentes para a fundamentação e compreensão do contexto em que se materializa a docência nas redes de ensino. Embora alguns estudos venham abordando acerca da presença masculina na Educação Básica é perceptível a necessidade de mais pesquisa e amplo debate sobre a temática.

Palavras-chave: Masculinidades; formação docente; desafios da docência; feminização do magistério.

ABSTRACT

Teaching plays an important social and political role as a space for debate and construction of knowledge in a field marked by inequalities and hegemonic discourses that characterize the trajectory of education and determine paths between theory and practice. This article aims to analyze the challenges of masculinities in teaching of the Initial Years of Elementary Education and Early Childhood Education in the historical and social educational context of the feminization of teaching and its implications for gender relations. The methodological approach is qualitative, using a bibliographic and documentary review as the data collection instrument. From the review of the texts it is possible to infer pertinent information for the foundation and understanding of the context in which teaching is materialized in education networks. Although some studies have addressed the male presence in Basic Education There is a clear need for more research and broad debate on the topic.

Keywords: Masculinities; teacher training; teaching challenges; feminization of teaching.

RESUMEN

La enseñanza juega un importante papel social y político como espacio de debate y construcción de conocimientos en un campo marcado por desigualdades y discursos hegemónicos que caracterizan la trayectoria de la educación y determinan caminos entre la teoría y la práctica. Este artículo tiene como objetivo analizar los desafíos de las masculinidades en la enseñanza en los primeros años de Educación Primaria y Educación Infantil en el contexto histórico y social educativo de la feminización de la enseñanza y sus implicaciones para las relaciones de género. El enfoque metodológico es cualitativo, utilizando como instrumento de recolección de datos la revisión bibliográfica y documental. De la revisión de los textos es posible inferir información pertinente para la fundamentación y comprensión del contexto en el que se materializa la enseñanza en las redes educativas. Si bien

algunos estudios han abordado la presencia masculina en la Educación Básica, existe una clara necesidad de más investigación y un debate amplio sobre el tema.

Palabras clave: Masculinidades; formación docente; desafíos de la enseñanza; feminización de la docencia.

1 INTRODUÇÃO

Os debates sobre gênero na área educacional têm se pautado com maior ênfase nas desigualdades vivenciadas historicamente pelas mulheres e a promoção de práticas pedagógicas capazes de desconstruir os estereótipos sexistas. Ainda que avanços venham ocorrendo as discussões acerca das masculinidades ocupam espaço pouco significativo na área da formação docente e das práticas pedagógicas. Tornando-se relevante compreender como as construções culturais e sociais ao longo da história sobre as masculinidades permitem problematizar as diversas formas de representações do homem reproduzidas e questionadas nos espaços escolares, materiais didáticos e currículos.

A atuação de professores homens na educação é marcada por tensões que se ancoram nas questões de gênero o que torna imprescindível uma análise crítica das masculinidades para desconstrução de padrões hegemônicos que limitam comportamentos e práticas docentes possibilitando uma educação inclusiva e que respeite as diversidades.

Nesse contexto, fortalecer o debate sobre masculinidades na formação inicial e continuada de professores para além da desconstrução de estereótipos pode também contribuir para práticas que reforçam relações de respeito entre os sujeitos culminando em uma escola que valorize e acolha a pluralidade promovendo assim a justiça social. Como destacam as autoras Connell e Louro, as masculinidades são construções preestabelecidas pela sociedade e suas culturas que perpassam o cotidiano escolar, assumindo várias formas no contexto das práticas sociais e pedagógicas, e a escola exerce função elementar na reprodução e ao mesmo tempo na refutação dessas identidades, que segundo Louro (1997), “são fabricadas pela escola por meio de normas, procedimentos, currículos e práticas educativas que legitimam as desigualdades”.

A feminização do magistério como destacam Bohn e Campos (2013), ancora-se em processo histórico e social de características preconcebidas sobre a imagem das mulheres que determinaram a predominância na profissão docente. A construção

cultural de uma imagem de cuidado, delicadeza e mesmo a maternidade se tornaram condição sine qua non para educar crianças como extensão da função materna, afastando assim a atuação docente da figura masculina principalmente na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Nessa conjuntura, esse artigo tem como objetivo analisar os desafios da presença masculina na docência dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil em contexto educacional histórico e social de feminização do magistério e suas implicações para as relações de gênero.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Os arquétipos de gênero e o lugar das masculinidades na docência

A docência ao longo da história vem caracterizando-se como espaço fértil para legitimação dos arquétipos de gênero que delimitam os papéis do feminino e masculino na sociedade influenciando as práticas no espaço educacional e definindo a concepção do espaço das masculinidades nesse processo. Nesse sentido, Louro (1997) argumenta que as instituições e práticas sociais ao ancorar-se nas representações de gênero ao mesmo tempo que as constituem é também produto das mesmas. Por isso, para além do gênero sua formação é permeada também de representações étnicas, sexuais, de classe, entre outras. Nessa conjuntura, a autora questiona qual seria o gênero da escola e qual a resposta mais adequada para essa compreensão, visto que,

As diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições 'fabricam' os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros: nessas instâncias, práticas ou espaços sociais são 'generificados' — produzem-se, ou 'engendram-se', a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc.) (Louro, 1997, p. 24).

Nesse contexto, Ataíde e Nunes (2016), destacam que mulheres e homens são constituídos histórico e socialmente por meio de estereótipos e padrões de comportamento que influem significativamente a ordenação das funções profissionais em todas áreas de atuação com especial atenção para a educação. Todo esse processo histórico sob a égide patriarcal da delimitação de papéis adequados para cada gênero com as posições de liderança e ou Ensino Superior ocupados por homens, enquanto as mulheres designadas a Educação Infantil e Ensino Fundamental

por serem considerados mais básicos. Essa feminização do Ensino básico caracterizou em dado momento o exercício do magistério como uma atividade de “segundo nível” como argumenta Tambara (1998),

Neste sentido é que entendemos que um outro fator interferiu na relação: a “feminização” do magistério e sua conseqüente “feminilização”. O magistério primário tornou-se coisa de mulher. Houve uma fetichização da atividade fazendo-a incorporar o caráter improdutivo do trabalho doméstico, em nossa sociedade tradicionalmente associado à mulher, e portanto, sem o valor de troca que o faria reconhecido em uma sociedade capitalista (Tambara, 1998, p. 36).

A organização da docência do magistério no ensino primário atrelada a feminização e os estereótipos do cuidado doméstico não só contribuiu para o distanciamento da figura masculina dessa função, mas para o significativo rebaixamento salarial e desvalorização da carreira docente. Como aponta, Louro (1997), essa associação caracterizou o magistério como extensão do ambiente doméstico, possibilitando a inferiorização de remuneração face a outros setores com a justificativa de que as professoras não seriam as “reais provedoras” das famílias. Essa estruturação do magistério não se mostrou atrativa para a figura masculina, reforçando o estigma de profissão feminina atrelado a idealização de feminilidade que afetam a valorização simbólica e material do trabalho docente.

Nesse sentido, Scott (1995) retrata homens e mulheres como “categorias excludentes”, construídas a partir de uma congruência binária que determina fronteiras inflexíveis entre o feminino e o masculino. Essas categorias surgem como a norma para funções e valores considerados “naturais”, que contribuem historicamente para a precarização das condições de trabalho ditos femininos, no entanto para Vianna (2013), essas categorias não alcançam todos os aspectos da feminização da docência, visto que,

A oposição binária entre os significados masculinos e femininos presentes em nossa sociedade sedimenta de forma a-histórica as atribuições destinadas aos homens e às mulheres e dificulta a percepção de outras maneiras de estabelecermos as relações sociais. E, no caso da docência, referenda os estereótipos de gênero que justificam os baixos investimentos na remuneração e formação docentes, na garantia de melhores condições de trabalho e de carreira, com a alegação de que professora não precisa ganhar bem, tem um marido que a provê, entre outros aspectos (Vianna, 2013, p. 172).

Nessa conjuntura, os arquétipos da docência vinculam-se aos diversos papéis tradicionalmente direcionados a imagem da mulher cuidadora, paciente, dócil, como extensão da função doméstica, idealizada nas expectativas do patriarcado,

demarcando contextos feminilizados da Educação básica. Louro (1997) e Connell (1995) fazem contribuições significativas para a compreensão da concepção da masculinidade da docência nesses contextos. Louro salienta que ao associar o ato de ensinar com o papel feminino de cuidado e afetividade corrobora para que os homens professores estejam frequentemente em situação ambígua com constante necessidade de reafirmarem suas identidades de gênero para esquivar-se dos estigmas e dúvidas acerca de suas masculinidades. Evidenciando uma descontinuidade dos padrões culturais da masculinidade hegemônica, conforme apontado por Connell, que baliza essa forma dominante de masculinidade exatamente pela oposição a práticas restritas a atuação feminina.

2.2 Formação docente inicial: A desconstrução de masculinidades normativas

A formação docente inicial concebe ambiente fértil e privilegiado para problematização e ressignificação de identidades de gênero, principalmente com referência às masculinidades. Em um espaço historicamente demarcado pela feminização da profissão, a masculinidade na docência é tensionada por estereótipos, e perspectivas sociais e hierárquicas simbólicas que permeiam o processo formativo e seus dispositivos de poder. Nessa perspectiva, conforme Foucault (1979) o poder não se delimita a uma única instância, mas uma ampla rede que entremeia as relações em sociedade, caracterizando-se como uma “microfísica do poder”. Cada sujeito, com suas singularidades e identidade é resultado dessa teia de relações de poder. Nessa conjuntura, no contexto da formação inicial docente, tradicionalmente idealizada em paradigmas da feminização, as masculinidades são ressignificadas em meio a tensões por esses dispositivos de poder que delineiam estruturas e estereótipos emblemáticos nas esferas formativas. Nesse sentido, Vianna (2013), argumenta que,

Nossa socialização interfere na forma como nós – homens e mulheres – nos relacionamos, nas profissões que escolhemos e na maneira como atuamos. Não para dizer que sempre foi assim, ou que é próprio de nossa “natureza”, mas para afirmar que as expressões das masculinidades e das feminilidades são historicamente construídas e referem-se aos símbolos culturalmente disponíveis em uma dada organização social, às normas expressas em suas doutrinas e instituições, à subjetividade e às relações de poder estabelecidas nesse contexto (Vianna, 2013, p. 171).

Assim, a desconstrução de normativas presentes na formação docente, forjadas no âmbito das masculinidades, é movimento necessário e primordial para ampliação de práticas docentes mais plurais e democráticas. A problematização da

cultura hegemônica em torno do masculino e sua associação à racionalidade que na construção social desvincula-se da afetividade, permite ampliar discussões acerca da pluralidade de gêneros e a desarticulação de estereótipos hierarquizados que permeiam a educação favorecendo uma formação que venha a contribuir com práticas que respeitem a diversidade e acolha as diferenças. Para Connell (1995) a masculinidade firma-se amplamente nas relações que compõem a sociedade, nesse contexto,

A masculinidade não funda um objeto individualizado, mas é um aspecto de uma ampla estrutura. A partir do contato com uma história generificada das instituições e da economia, a masculinidade não é simplesmente uma característica da identidade pessoal, mas está presente nas relações sociais, nas instituições e no mercado de trabalho. A masculinidade não apenas aí se encontra, mas é estabelecida por estas no mais íntimo grau, instituindo-se de forma historicizada (Connell, 1995, p. 27).

A necessidade de discussões e ações efetivas acerca da desconstrução das normativas masculinas na docência demanda refutar as representações arraigadas que reprimem o diverso no espaço educacional. Como argumenta, Louro (1997; 2010) a construção cultural de gênero é amplificada por meio das condutas do cotidiano e naturalizadas tornando-se imprescindível compreender como essas normativas se apresentam como “natural” nas relações que se constituem acerca de gênero no campo educacional e na formação docente. Assim, Catani (2010), destaca a relevância da memória e historicidade coletiva e pessoal na formação docente que promovam reflexão crítica acerca dessas normativas possibilitando a ressignificação das identidades masculinas diversas e não hegemônicas na docência. Como salienta, Nóvoa (1992),

A formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (Nóvoa, 1992, p. 13).

Conforme apontam Scott (1995) e Louro (2003), é necessário que ocorra ações que corroborem para a desconstrução das masculinidades a partir de um viés permeado pela criticidade que exponha a concepção sociocultural das masculinidades, para que novas perspectivas acerca do ser homem para além dos estereótipos, hierarquização e padrões hegemônicos. Contribuindo assim, para maior flexibilização dos papéis de gênero preestabelecidos de forma a promover novos paradigmas que norteiam as práticas pedagógicas fundamentadas nos princípios da

equidade de gênero e o respeito às diversidades. Entendendo que, questionar e ressignificar as masculinidades não se restringe a um exercício acadêmico, mas também ações política e pedagógica que reflitam as subjetividades e relações baseadas na ética e respeito às diferenças nos diversos espaços da sociedade, e principalmente, pelo papel relevante que representa na formação do sujeito, a educação.

2.3 Reflexões críticas: Docentes homens em espaços marcados pela feminização

Os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e principalmente a Educação Infantil, são etapas de ensino fortemente marcados pela feminização, tornando-se necessário e urgente emergir reflexões e debates acerca das relações de gênero que historicamente vêm compondo as docências. Esse contexto, foi alicerçado ao longo dos anos por fatores sociais, culturais e econômicos, o que contribuiu significativamente para moldar o perfil da mulher como professora da Educação Básica, como destaca Santos (2024),

No caso da profissão docente principalmente na educação infantil e anos iniciais, percebe-se a perpetuação de modelos formativos, identitários e profissionais que implicam no exercício da função dificultam ainda hoje, a própria constituição da profissão. Esses aspectos foram definidos a partir de ideais e princípios que correspondem à própria história do grupo profissional e a evolução sócio-histórica do Brasil (Santos, 2024, p. 595).

Nessa conjuntura, a inserção do professor homem nos anos iniciais do Ensino Fundamental enfrenta resistência principalmente relacionado a preconceito e à concepção sociocultural do gênero, onde a presença das masculinidades configura uma transgressão às normas de gênero vigentes, resultando em descrédito por sujeitos inseridos no processo educacional como familiares e até mesmo colegas de trabalho. Nesse sentido Vianna (2013), atenta para a delimitação do ser afetivo restringir-se à figura feminina,

Por que ser afetivo é ser feminino? A afetividade está presente nos homens e nas mulheres. Mesmo que, de fato, ainda exista certa tendência a ressaltar o afeto como próprio às mulheres, penso que seria muito simplista confiná-lo quase que exclusivamente a elas ou às profissões que expressam qualidades consideradas femininas. Partindo do princípio de que as expressões da masculinidade e da feminilidade estão submetidas a uma constante modificação, percebemos nos homens a compreensão e a sensibilidade (Vianna, 2013, p. 175).

Rodrigues e Alves (2024), em seu trabalho sobre o ser homem na formação

e na profissão docente, destacam os entremeios que estreitam as identidades de gênero e profissional, onde se sustentam mutuamente, refletindo discursos binários que resultam em fatores determinantes de quais profissões são para os homens e quais para as mulheres, fomentando estereótipos, preconceitos e desigualdades. No campo educacional, historicamente forjado em concepções machistas reservado entre uma das poucas áreas de atuação profissional destinadas às mulheres, é compreensível as tensões e implicações enfrentadas pelo docente homem ao escolherem trilhar essa profissão com forte rejeição na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os autores ainda alertam que o preconceito estende-se além do ceticismo acerca da sexualidade do professor associando a diversos crimes como a pedofilia. Nesse contexto, Vieira (2012) adverte que,

É necessário vencer as práticas de invisibilização dos homens professores como também o receio de que esses homens que procuram o magistério dos anos iniciais do Ensino Fundamental sejam homossexuais e influenciem a orientação sexual das crianças. Ainda: não se justifica considerá-los como possíveis pedófilos, o que colocariam a segurança dos pequenos em risco. Deve-se lutar contra os estereótipos e os preconceitos (Vieira, 2012, p. 7).

As discussões acerca das relações das masculinidades e o magistério demanda maior compreensão sobre o estranhamento e desconfiança na inserção do professor em um ambiente culturalmente feminino. Nesse sentido, Badinter (1993), argumenta sobre a dicotomia entre a “aquisição” da masculinidade e feminilidade,

Ser homem envolve a condição de encarar a masculinidade como um objetivo e um dever, afirmando-se no imperativo, mais do que no indicativo. Implica um esforço que não é exigido das mulheres, como se a feminilidade fosse natural e a masculinidade precisasse ser conquistada, e a alto preço. Logo cedo os meninos precisam dar prova de virilidade e os adolescentes devem passar pelo rito de passagem de se tornarem homens ficando com uma mulher" (Badinter, 1993, p. 34).

Nessa conjuntura, torna-se imprescindível a fomentação de espaços de debates e discussões críticas sobre a presença das masculinidades e o reconhecimento profissional em espaços marcados pela feminização com perspectivas de equidade e valorização do magistério para além do estereótipo associado à imagem do cuidado e virtude determinados historicamente e socialmente à mulher. Para Maia (2009), uma concepção mais genérica da docência, com ênfase voltada a dimensão técnica e estratégica, pode proporcionar espaço fértil para a inserção de identidades profissionais plurais e autônomas, com a atuação profissional quer seja de mulheres quer seja de homens alicerçadas em condições igualitárias e combate aos estereótipos limitadores que influenciam as práticas docentes e os

paradigmas vigentes. Como bem aponta Tardif (2000), transpor essas barreiras é imperativo para a valorização do magistério, visto que, essa é uma profissão de ampla influência na sociedade e impacta diretamente a formação da cidadania e a transformação social dos sujeitos envolvidos no processo educacional.

3 METODOLOGIA

Este artigo estruturou-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa com objetivo de compreender a temática a partir de fenômenos histórico e social motivadores das relações constituídas em determinado contexto com uma análise crítico-reflexiva a partir de revisão bibliográfica. Segundo Vergara (2019), a pesquisa qualitativa enquanto método objetiva compreender os fenômenos sociais pela ótica dos sujeitos do processo valorizando a subjetividade e seus significados, de forma a privilegiar uma análise fundamentada na realidade. Nesse sentido, Minayo (2014), destaca que,

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam" (Minayo, 2014, p. 57).

A pesquisa qualitativa é uma abordagem que permite uma compreensão ampla dos fenômenos sociais e humanos em sua complexidade contextual. Para Minayo (2014), esse tipo de pesquisa além da coleta de dados objetivos investiga também os mais diversos significados conferido pelos sujeitos participantes no contexto, o que possibilita uma análise aprofundada das relações sociais estabelecidas.

A pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador acesso amplo e rico de dados referentes ao contexto e diversidade de temas investigados. Nesse sentido, Lüdke e André (1986) destacam que,

A pesquisa qualitativa parte do princípio de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (Lüdke; André, 1986, p. 12).

A seleção dos textos que fundamentaram o presente estudo seguiu critérios concernentes à abordagem adotada proporcionando uma compreensão sobre a temática das masculinidades na docência, e o papel estratégico da formação docente

que contribua para a desconstrução de estereótipos, corroborando para um espaço de respeito à pluralidade e valorização do magistério.

4 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

4.1 O lugar das masculinidades na docência

Observou-se que a escola produz sujeitos por relações de gênero, classe e etnia, situados em categorias binárias excludentes, que segundo Scott (1995), normatizam funções “naturais” que precarizam os ditos trabalhos femininos resultando em baixas remunerações. Nesse contexto, ao criar uma imagem da escola como extensão do fazer doméstico resulta, como demonstrado em estudos desde os mais remotos aos mais recentes, em uma baixa atuação masculina nos anos iniciais.

As pesquisas indicam que apesar de avanços legais, os estereótipos e a cultura da feminização do magistério contribuem significativamente para a desvalorização. Como apontado por Ataíde e Nunes (2016), os homens ocupam espaços de liderança e Ensino Superior, enquanto em sua maioria as mulheres limitam-se à Educação Infantil devido aos estereótipos de cuidado.

4.2 A desconstrução de masculinidades normativas na formação docente

A desconstrução de masculinidades normativas na formação docente inicial é primordial para a promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas, democráticas e plurais em um contexto marcadamente por histórico de feminização do magistério, que possam contribuir com a ressignificação de identidades, reflexão crítica e questionamentos aos estereótipos e hierarquias de poder.

As argumentações abordadas, reforçam a importância de uma formação docente fundada em processo de reflexão crítica para além de conhecimentos técnicos, que promovam possibilidades de escuta e desconstrução de estigmas que resultem na compreensão de que “ser homem” é uma construção social historicamente forjada e permeada por relações de opressão e poder que destoam do processo educacional enquanto espaço democrático de formação que possibilitem a afirmação do sujeito para além dos papéis de gênero socialmente preestabelecidos.

4.3 A persistência da feminização no magistério

As argumentações apresentadas revelam que as as modalidades de ensino da Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental são amplamente caracterizados como espaços “naturalmente femininos”, com presença majoritariamente de professoras, reforçando o estereótipo de cuidado associado à mulher. Nesse contexto, os docentes masculinos têm suas identidades profissionais permeadas pela dúvida de suas competências e constante desconfiança de agentes da comunidade escolar e sociedade.

Embora, alguns debates venham sendo veiculados acerca de gênero, masculinidades e feminização no espaço escolar, ainda há muito a ser realizado para que de fato o debate crítico e reflexivo promovam a devida valorização da docência alicerçada na dimensão crítica, estratégica e técnica que legitimem a pluralidade das identidades profissionais e respeito às diferenças, para superação efetiva de estereótipos e combate à discriminação dos docentes homens nos espaços escolares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo acerca da formação docente e as masculinidades a partir de uma perspectiva da feminização da docência evidencia desafios significativos na busca de mudanças de paradigmas que alcance um campo de educação com práticas docentes mais democráticas e respeito às diferenças. Fica evidente que a permanência de modelos hegemônicos de masculinidades tradicionalmente caracterizados por valores de poder e controle, influenciam não só a atuação de professores homens, mas sobretudo na performance do gênero nas relações no ambiente escolar. Sinalizando assim, a necessidade de uma formação que amplie espaços de discussão com foco na desconstrução dos estereótipos em torno das masculinidades bem como na feminização da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil.

É primordial que a formação inicial de professores deva proporcionar espaços de reflexão crítica sobre as normativas de gênero e reconhecimento das competências diversas da docência ressignificando a prática do magistério para além de um espaço feminilizado.

Embora haja alguns avanços nos estudos sobre a presença das masculinidades na docência, ainda há muitos pontos a serem debatidos

principalmente quando se trata da atuação do professor homem nos primeiros anos de escolarização, visto que, essa etapa se consolidou historicamente como espaço feminino descredibilizando a capacidade de atuação dos homens, criando uma dicotomia perigosa por meio de estereótipos que afetam profissionalmente aos docentes homens e também mulheres. É perceptível a urgência em mais estudos e aprofundamento sobre a temática, a fim de promover espaços de docência que reconheça o ser professor como ação profissional para além do “dom” preestabelecido pelas convenções sociais e culturais. Nesse contexto, é importante destacar a relevância do Ensino Superior que por meio dos processos formativos, com especial atenção para a formação inicial, para a implementação de ações diversas que contribuam para a emergência de novos paradigmas orientadores da docência nos primeiros anos de escolarização.

6 REFERÊNCIAS

- ATAIDE, Patrícia Costa; NUNES, Iran de Maria Leitão. Feminização da Profissão Docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental. *Revista Educação e Emancipação*, São Luís, v. 9, n. 1, jan./jun. 2016.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BOHN, Bianca Camacho de Almeida; CAMPOS, Míria Izabel. Atuação de Professores Homens na Educação Básica: Um Estado da Arte Sobre a Produção Acadêmica. *Horizontes – Revista de Educação*, Dourados, MS, n.1, v1, janeiro a junho de 2013.
- CATANI, Denice Bárbara. O lugar dos clássicos na escrita da educação: a metáfora das raízes. *Revista USP*, São Paulo, v. 76, p. 149-156, 2010.
- CONNELL, R.W. *Masculinities*. Cambridge, Polity Press; Sydney, Allen & Unwin; Berkeley, University of California Press, 1995.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 11a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- LOURO. Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma agenda de questões*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

- MAIA, Helenice. Ser professora: feminização e desvalorização do magistério. *Educação e Cultura Contemporânea*, v. 6, n. 12, p. 35-54, jan./jun. 2009.
- MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 13-33.
- RODRIGUES, Marcos Daniel Pereira; ALVES, Cândida Beatriz. O ser homem na formação e na profissão docente: questões de identidade e gênero. *Cadernos de Educação*. Pelotas, n. 68, e024006, 2024, p. 1-22.
- SANTOS, Mayra Silva dos. O Caminhar da Feminização do Magistério no Brasil: Notas: Sobre Mulheres Professoras. *Revista Diversidade e Educação*, v. 12, n. 1, p. 591-607, 2024.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica? *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 97-115, 1995.
- TAMBARA, Elomar. Profissionalização, escola normal, e feminilização: Magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX. *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (3): 35-57 abr. 1998.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional: ensaios sobre o ofício de ensinar*. São Paulo: Cortez Editorial, 2002.
- VERGARA, Sylvia Constant. *Métodos de pesquisa em administração*. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- VIANNA, Cláudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia (Org.). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Abaré, 2013.
- VIEIRA, Nelma Bernardes. *A questão de gênero no magistério: a presença masculina no Curso Normal*. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação. Universidade Católica de Petrópolis, 2012.

